

A UNIVERSIDADE REPRESENTA A CONSCIÊNCIA CRÍTICA DA NAÇÃO

Aziz Nacib Ab'Sáber

POR HAMILTON OCTÁVIO DE SOUZA

Aziz Nacib Ab'Sáber é bacharel em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1940-1944), tem especialização em Geografia Física (1946-1947), começou a trabalhar na USP com registro de jardineiro (três meses) e depois técnico de laboratório (1947-1965). Com doutorado e livre-docência, trabalhou como professor de 1965 até se aposentar, em 1983. Tem colaborado como voluntário nas pesquisas e trabalhos do Instituto de Estudos Avançados da USP, onde atualmente prepara uma edição da revista sobre o Nordeste seco.

WRS 217/865



Eu tenho um prazer imenso de tratar dos assuntos da universidade, não só em termos de seu papel na ciência e na tecnologia, mas também de seu papel de formação e reprodução de educadores. Nesse sentido, qualquer observação que se queira fazer sobre a universidade envolve algum tratamento relacionado com fatos, os seguintes fatos: em primeiro lugar, a universidade se preocupa com a recuperação da seletiva do conhecimento sob a ótica de uma meditação permanente, que é transmitida aos alunos e às gerações de alunos, sobretudo, para o chamamento para as questões básicas da ciência da parte da humanidade que está mais próxima da universidade, em setores que estão vizinhos a uma cidade universitária, o seu país, a sua nação. Então, não podemos trabalhar diretamente com todas as regiões do mundo; a universidade tem de centrar suas atenções também na estrutura, na composição, na funcionalidade da sociedade nacional.

Outra coisa que a universidade tem de fazer é sair da ciência básica, que é a ciência produzida na própria universidade, para aplicações de ciências. Nesse sentido, não existe uma ciência isoladamente capaz de ser aplicada à sociedade e à cultura nacional, aos projetos de interesses regionais ou nacionais. O que existe é uma participação de cada área do saber num certo agrupamento de ciências para um determinado fim de aplicabilidade. Esse é um dos problemas bastante críticos que a universidade atual apresenta. Existem grupos que pensam que podem fazer projetos exclusivamente na base do seu corporativismo, na base da sua área do saber, quando todas as pessoas teriam de pensar que qualquer projeto é dirigido para uma sociedade, para uma nação, um território. E nesse sentido, as ciências do homem têm tanta importância quanto as ciências técnicas, enquanto idéias práticas de projetos de interesse regional, nacional ou local. Em outras palavras: as ciências do homem é que são capazes de mostrar as condições sociais, socioeconômicas e culturais de uma região ou de um local. Os projetos têm de ser adaptados às necessidades e às aspirações da sociedade que está nesses espaços.

Isso me irrita profundamente porque aqui no Brasil é o contrário: quem propõe os projetos são

alguns governantes demagógicos, alguns políticos demagógicos, e eles às vezes não têm nenhuma noção da factibilidade do seu projeto em relação às aspirações e expectativas das comunidades residentes e nem têm noção de escala da aplicabilidade. Por exemplo, eu posso pensar no Nordeste seco, nos sertões que têm centenas de milhares de quilômetros quadrados e o meu projeto vai servir a um setor pequenininho, terá quando muito alguns milhares de quilômetros quadrados e assim mesmo terá problemas de incompatibilidade em relação aos gêneros de vida tradicionais que representam a estratégia de sobrevivência real da população regional. E isso acontece sempre, no Brasil, nos últimos quarenta anos, em que grupos técnicos de áreas muito diversas (podem ser da engenharia, arquitetura, urbanismo, etc.) fazem projetos sem analisar a receptividade real do projeto em face da comunidade e da sociedade. A universidade tem de estar sempre presente na discussão crítica dos projetos, independentemente da reação dos políticos e dos governantes. Isso implica dizer que a universidade representa a consciência crítica da nação. Se ela não representar a consciência crítica da nação é porque ela não é uma boa universidade.

Outro assunto fundamental da universidade é a formação dos educadores. Evidentemente, o educador não vai, no futuro, poder projetar tudo aquilo que ele recebeu, leu, meditou, dentro dos quadros da universidade. Tem de haver seletividade segundo as faixas etárias dos alunos, e nesse sentido o educador tem de ser sintético sobre as áreas do conhecimento e tem de saber quais os fatos, os episódios, os eventos, as nomenclaturas, as tipologias, que ele visa a colocar na cabecinha da criança ou na cabeça dos adolescentes, ou no preparo para a entrada na universidade.

Eu considero que o papel de reprodução do professorado é tão importante quanto os outros papéis técnicos da universidade. E além disso eu acho que os vínculos entre essas coisas são sempre muito íntimos, não dá para separar ciências do universo, ciências da terra, ciências do homem, ciências da sociedade, ciências da mente, técnicas culturais, técnicas urbanistas e politécnicas, ou seja, as engenharias todas que foram inventadas ao longo do tempo.

Um segundo ponto é a questão da passagem da adolescência para a vida adulta, que inicia quase sempre pelo ponto do ingresso da pessoa na universidade. Pelo que eu me lembro, quando comecei a frequentar a Universidade de São Paulo, em cursos de geografia e história, antropologia cultural, topimologia, naquele tempo tinha etnologia, a universidade deu um assalto ao meu raciocínio, à minha mente. Então esse problema de que a universidade faz um assalto estimulante às inteligências de quem estava muito acostumado com coisas menores, miúdas e fragmentadas, eu considero fundamental. E por isso mesmo que existe uma diferença entre as universidades que conseguem fazer esse assalto e as outras que vão muito devagar e que inclusive distorcem as direções por vários motivos, que têm medo da crítica, têm medo da projeção que a universidade possa ter em relação aos governantes, aos órgãos dirigentes do ensino superior, etc., etc. Então, para mim, a universidade verdadeira é aquela que tem a consciência crítica permanente, e que representa um assalto a estimular a inteligência do recém-ingressado e do homem que vai entrar depois na vida prática.

Esse assalto se faz pelo trabalho dos professores que têm o ideal da universidade; nem todos têm. Eu posso estar encerrado dentro de um campus, num laboratório pequeno, tratando de coisas muito sérias do ponto de vista tecnológico, e não tenho a capacidade nesse tipo de coisa que eu estou chamando de assalto, na falta de outro nome. E por outro lado esse assalto se dá pela convivência, a convivência entre os órgãos da própria universidade, do ponto de vista até mesmo dos instintos e das dimensões de reação perante o mundo real, o mundo dos homens, o mundo das mulheres, etc.

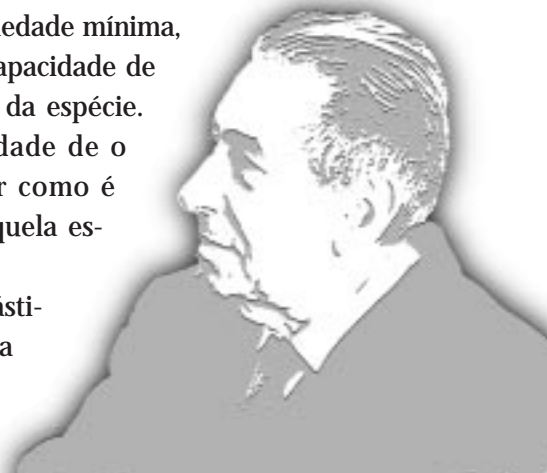
Também se dá esse assalto pelo chamamento para os grandes problemas do homem e da cultura. Uma verdadeira universidade tem de ter, além das práticas laboratoriais, excursões, etc., um sistema que possibilite a discussão dos grandes problemas do homem, es-

Então, para mim, a universidade verdadeira é aquela que tem a consciência crítica permanente, e que representa um assalto a estimular a inteligência do recém-ingressado e do homem que vai entrar depois na vida prática. Esse assalto se faz pelo trabalho dos professores que têm o ideal da universidade; nem todos têm.

paços culturais para os grandes problemas do homem.

Aqui pela primeira vez eu quero lembrar uma lição que eu tive na universidade logo ao fim do meu curso, devido a uma aula do professor Roger Bastide. O Bastide, com muita humildade, começou a sua aula dizendo o seguinte: ao preparar aquele curso, ele se deu conta de que estávamos em um momento difícil de relações culturais com a Europa. Não vinham livros, não vinham revistas, não vinham jornais, porque a guerra impedia esse intercâmbio. Então ele preparou seu curso na base do pouco que ele tinha de biblioteca em São Paulo, embora a biblioteca principal estivesse em Paris. E lá das suas estantes ele tirou um livro que se chamava *La Sociologie des Animaux* (A sociologia dos animais). E, ao terminar a leitura do livro, ele se deu conta de uma coisa fundamental; ele nos dizia no início da aula: o homem tem um atributo que os animais não possuem. Eles têm uma sociabilidade; alguns grupos, como abelhas e castores, etc., têm uma sociedade mínima, mas eles não têm a capacidade de reconstruir a história da espécie. Não existe possibilidade de o animal isolado saber como é que foi a história daquela espécie na face da terra.

Eu acho isso fantástico; abriu uma janela muito importante para mim. É evi-



O problema de como agir contra o subdesenvolvimento é uma proposta muito difícil para o universitário isolado e pressupõe sempre equipes de trabalho. Por isso que uma universidade que faça o esforço de multiplicar equipes de trabalho segundo os tipos de projetos e assuntos a serem atacados e propostas a serem feitas, essa universidade ganha mais força. E, nesse sentido, a gente tem de se isolar do corporativismo.

dente que é em função dessa capacidade de repensar a história da espécie que se projeta todo o conhecimento para a cultura. Então, no fundo, o grande atributo do homem é a cultura, mas a cultura dependendo em grande parte da capacidade de lembrar a história da espécie em todos os países, em todos os cantos. Esse tipo de meditação me vem sempre à cabeça quando penso na universidade que a gente deseja.

Agir contra o subdesenvolvimento é uma proposta muito difícil

Agora vem a segunda parte que diz respeito à universidade no contexto do subdesenvolvimento. Já escrevi alguma coisa sobre isso, está aí, mas gostaria de lembrar mais coisas agora que tenho mais experiência.

É bem evidente que a universidade, no contexto do subdesenvolvimento, é dirigida para o desenvolvimento polivalente, para um tipo de desenvolvimento polivalente: cultural, científico, tecnológico, ideológico, e dentro de padrões de compreensão das necessidades do país considerado subdesenvolvido. O conceito de subdesenvolvimento sempre envolveu o fato de que existem países que têm áreas desenvolvidas e áreas não-desenvolvidas; e mais recentemente a gente sabe que as áreas ditas desenvolvidas têm um resí-

duo de subdesenvolvimento relacionado com as migrações internas que se dão ao longo do tempo e às vezes são contínuas e tradicionais, como é o caso de migrações para a disputa do mercado de trabalho na cidade de São Paulo, e também hoje em outras cidades do país — Brasília, Belo Horizonte ou Rio. Nesse sentido, tem que pensar em tudo, da favela ao palácio, da falta total de urbanização até as regiões altamente urbanizadas.

Então, o subdesenvolvimento não é apenas uma questão geográfica regional. Evidentemente, existem áreas menos desenvolvidas quando consideradas na sua integralidade e outras bem mais desenvolvidas quando consideradas na sua parte social, a, b, e c. Mas, também dentro do abc pode estar o mundo mais subdesenvolvido do ponto de vista cultural, do ponto de vista da emergência dos instintos, da violência e da criminalidade. O exemplo maior disso no mundo certamente será São Paulo. Já houve, no passado, outras cidades da Índia, da China, que tiveram os mesmos problemas. Mas hoje as grandes multidões estão concentradas na região metropolitana de São Paulo. Eu fico até um pouco pasmo quando me lembro de que diziam: as cidades da Ásia do sudeste são como formigueiros humanos. Agora nós estamos com o formigueiro humano dentro da nossa casa, com gente do nosso País, irmãos nossos, e nesse sentido é preciso sempre pensar na melhoria das partes mais pobres desse formigueiro.

O problema de como agir contra o subdesenvolvimento é uma proposta muito difícil para o universitário isolado e pressupõe sempre equipes de trabalho. Por isso que uma universidade que faça o esforço de multiplicar equipes de trabalho segundo os tipos de projetos e assuntos a serem atacados e propostas a serem feitas, essa universidade ganha mais força. E, nesse sentido, a gente tem de se isolar do corporativismo. O economista isoladamente poderá fazer grandes desastres para uma nação. O geógrafo

isoladamente, se fosse um ideólogo, faria grandes desastres para o seu país. Os arquitetos e os urbanistas idem e, sobretudo, os engenheiros.

Esses últimos dias tenho meditado muito sobre essas enchentes de São Paulo, em que se trata um problema da natureza sobre um organismo urbano extenso e complexo, que, certamente, tem conflitos com a funcionalidade primária da natureza. Esse organismo tem de ser muito bem conhecido em termos de sua estrutura e sua composição social e urbanística, composição de sistemas de transportes, etc., mas sobretudo na funcionalidade. Não é possível que ao longo do tempo as pessoas recebam o impacto das chuvas, das enchentes, das doenças trazidas pelo transbordamento de rios que não são mais rios, são croacas a céu aberto; não é possível que depois do último mês das grandes chuvas as pessoas se acomodem; pelo contrário, é no período entre o fim das grandes chuvas e na base do conhecimento do acontecido que se pode trabalhar para melhorar as coisas. Mas, se os economistas quebraram a economia do País, do estado e do município, por causa de idéias neo-qualquer-coisa, não há recursos para corrigir os defeitos da estrutura urbana.

Eu vou falar em três fatos que dizem respeito à Grande São Paulo. Em primeiro lugar, a lerdeza da construção da rede principal e prioritária do metrô. Quando eu digo prioritária é aquela que tem a condição de uma rede auxiliando a todo o corpo urbano, a toda a sociedade que transita, a todos os jovens que vão para o trabalho, ou para a escola, ou para a universidade, ou para um lazer. E a toda a população de classe média e a todos os pobres da cidade que não têm os seus carros e que precisam se deslocar por uma razão qualquer.

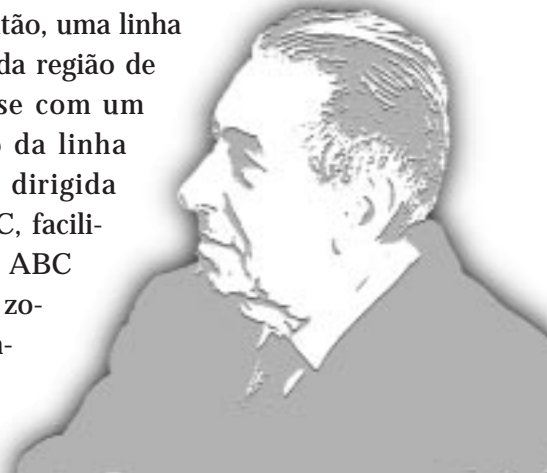
Nesse sentido, qualquer erro na condução, no prolongamento do projeto do metrô é fatal para dar continuidade aos esquemas de perda de funcionalidade. Eu tenho comigo, por exemplo, que aqui em São Paulo as linhas de metrô deveriam repetir o esquema de metrô ali no Terminal Rodoviário Tietê, em que toda a rede, depois de ser subterrânea, passa por cima da planície inteira. Por que passar por cima da planície inteira? Porque aqui em São Paulo o problema não é passar pelo rio em si; o problema é passar por toda a área em que o rio em seu leito menor tende a extravasar

para o leito maior, que já está ocupado por bairros, por setores da cidade, quer industriais, quer de armazenamento, quer supermercados, hipermercados, etc.

Então seria muito fácil, por exemplo, entender que é preciso uma linha que vá do Butantã, de algum lugar do Butantã. E não se pode perder tempo porque de repente os espaços começam a ser ocupados pelo capitalismo que é supercriativo em matéria de especulação. É preciso congelar alguns espaços para ser terminal do metrô do lado esquerdo do rio Pinheiros, hoje canal, e de outra banda chegar a alguns pontos críticos que possam ser pontos de captação de outro sistema de circulação que não precisa ser necessariamente o metrô.

Em outras palavras, existe a possibilidade de economizar no conjunto e na extensão das linhas e atender às populações, mesmo porque durante os períodos de chuva a população poderia, ao chegar a um ponto de cruzamento do metrô, por exemplo, se houvesse uma linha do Butantã até além do Limão ou próximo da Casa Verde, a pessoa saía de metrô, passava por cima das planícies inundadas e entrava numa estação de metrô no cruzamento com Vila Madalena ou Clínicas, e os outros, que morassem mais longe, iriam passar por cima do Tietê. Essas são coisas simples porque o modelo já existe lá no caso da antiga região da Ponte Pequena, onde hoje está o bairro do Armênia.

O esquema é muito bom, e esse esquema ainda podia ser desdobrado em esquemas outros que dizem respeito à modernidade. É impossível pensar que o aeroporto metropolitano e o internacional de Cumbica, lá na região de Guarulhos, não tenha uma conexão de metrô para passageiros, trabalhadores, frequentadores obrigatórios do aeroporto quando se pretende buscar convidados, parentes, etc. Então, uma linha de metrô que saísse da região de Cumbica e integrasse com um ponto, uma estação da linha leste e depois fosse dirigida para a região do ABC, facilitaria a circulação do ABC para essa estação da zona leste e depois contato com o resto do corpo urbano.



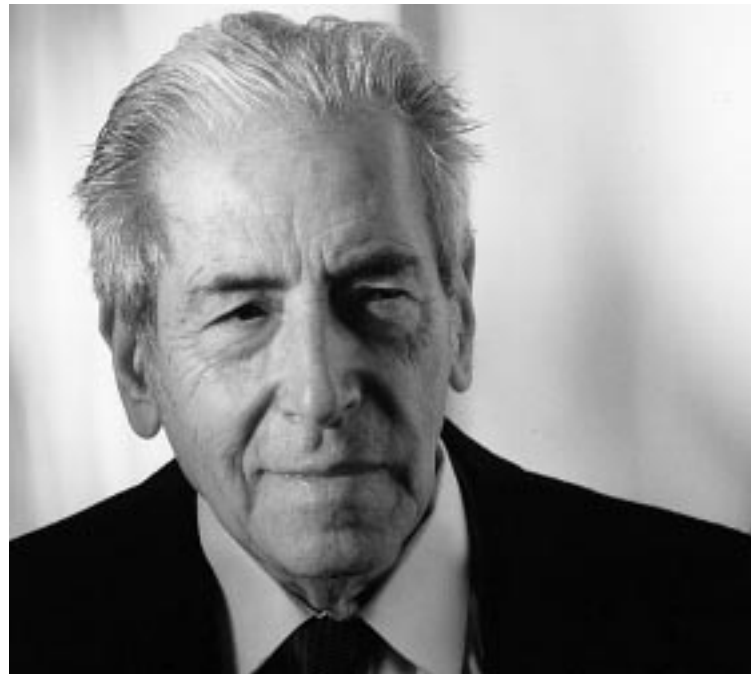
O grande problema da falta de entendimento dos políticos sobre o que seja metrô é que eles pensam que metrô é trem. Metrô não é trem. É uma rede de transporte rápido sem interrupções por cruzamentos de qualquer tipo, portanto, tendo horários, velocidade e rapidez maiores devido ao fato de evitar qualquer tipo de necessidade de paradas. Paradas nós temos nas estações para as pessoas. O que é essencial é a licença da coisa.

Em termos dos tentáculos da área metropolitana, desde há muito tempo e agora são rodovias com um certo número de faixas, três de um lado, três de outro, etc. O problema continua sendo sério com relação à interceptação de certos pontos da cidade e ainda oferecem a circulação. Aqui nessa estrada, Raposo, que eu conheço melhor, existe ao término da Raposo, próximo da Rua Eliseu, uma área de extravasão. Então, as áreas do córrego Pirajussara, que estão contidas em canais fechados, tamponados, canais esses que não têm condição de escoar rapidamente toda a água que cai na bacia do Pirajussara, recompõem-se ao longo das avenidas de fundo de vale, o leito maior inundado dos rios.

O conceito de leito menor e leito maior teria de ser muito bem colocado pela universidade para os governantes, porque senão eles continuarão fazendo avenidas de fundo de vale sem lembrar que durante três meses e meio a quatro meses existem grandes chuvas e possibilidades de inundação em muitos pontos. É claro que não podendo extravasar para a planície, se a planície está tamponada, a água extravasa pelos asfaltos laterais que cobriram e hermetizaram a água de córrego.

Então, o fato de existir esses pontos críticos pressupõe que algumas obras sejam indicadas para esses pontos críticos, e não querer fazer outras obras que não resolvam esses problemas, que quebram a funcionalidade por horas, dias e semanas.


Nessa parte do meu depoimento para você eu vou contar o que ando fazendo nesses últimos tempos. Eu inventei um trabalho para atender às minhas próprias razões de ser cultural, que são as seguintes: fazer um trabalho sobre a revanche de certos fatos da natureza em relação à organização conflitiva proposta pelos homens, ou feita pelos homens.



O primeiro trabalho foi um pouco sentimental. Eu trabalhei dois anos no Rio Grande do Sul, sou casado com gaúcha em segundas núpcias, tenho três filhos nascidos em Porto Alegre, e eu resolvi estudar o porquê da formação local embrionária da campanha gaúcha. Então eu chamei o trabalho de "A revanche dos índios".

Baseado nesse primeiro, resolvi fazer "A revanche das águas". Já fiz uma primeira redação, mas tenho absoluta certeza de que agora tenho mais elementos para dar continuidade a esse trabalho. Quando eu era um simples técnico de laboratório e meio boêmio, como todo estudante de universidade naqueles idos dos fins da década de 40, começo de 50, um dia eu parei ao lado da bela paisagem existente no vale do Anhangabaú, de um lado o centro velho em processo de reformulação, a Libero Badaró, e de outro lado o centro velho mais novo, e no meio daquilo aquela avenida extraordinária, com parque dos dois lados — sempre me apaixonei por aquela região, desde a primeira visita que fiz a São Paulo quando tinha apenas 11 anos.

Num dia de chuva, ali, eu estava abrigado sob uma porta, na rua Formosa, vendo o alagamento da avenida e eu me lembrei das planícies do Tietê, entre a Freguesia do Ó e a Lapa. Eu tinha visto, quando a região não estava ocupada por fábricas e armazéns, que



Essa necessidade permanente do espírito crítico na universidade tem duas derivadas políticas sociais: em primeiro lugar, é que os governantes ficam mais ferozes, eles não querem que ninguém analise os seus projetos, as suas escolhas, as suas determinações. Em segundo lugar, nos momentos mais tristes da vida de um país, já houve duas ditaduras de triste lembrança, a consciência crítica da universidade é o campo de maior número de punições possíveis.

num momento de grandes chuvas a linha d'água quase que chegava ao fim da trava dos campos de futebol e inundava todo o vale do Tietê, que é largo, uma das planícies mais largas do mundo em relação ao leito do rio. Os norte-americanos dizem nos livros de texto que um rio, em face de sua planície, pode alcançar de um a dezoito vezes mais. Na planície do Tietê, em alguns lugares, de um para vinte, um para trinta e, no bairro da Coroa chegava a um para quarenta, a relação entre a largura do rio e a largura da várzea.

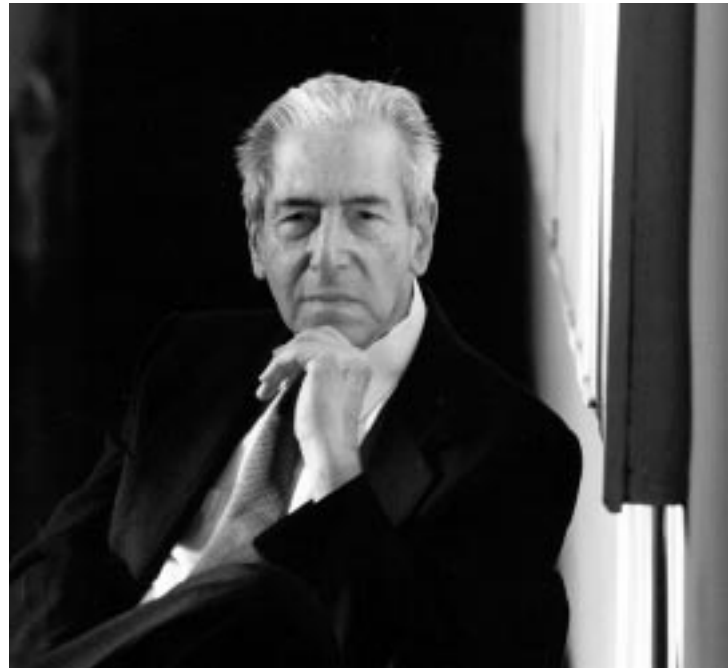
Conhecendo esses dois assuntos, a gente tinha de pensar nos efeitos das grandes chuvas sobre a cidade; só que lá no caso da planície do Tietê, o fato de ter havido uma retificação progressiva e, depois, a possibilidade de entrada no canal do Pinheiros e de reversão de parte da água para as represas, lá foi possível a idéia de ocupação da planície como um todo. Evidentemente, a grande vantagem que eles tiveram, os loteadores, os especuladores, é que no Tietê existe a possibilidade de reverter parte da água para o litoral, através da Billings. É uma vantagem tecnológica de um projeto, mas ninguém pensou que esse projeto acabaria forçando a ocupação generalizada da planície, que tinha de ter algumas áreas de transbordo planejado, como se fez no vale do Tamanduaeté. Resultado: mesmo com a possibilidade de reverter água para o litoral existem inundações ferozes.

Outra coisa: foram feitos espécies de diques artificiais na beira do canal e esses diques estão sempre mais altos do que as partes laterais da planície. O resultado é que, quando vêm grandes chuvas, o rio transborda, dificulta a chegada dos córregos, os córregos se ampliam por dentro das ruas da cidade. O pior de tudo é que as pontes não foram pensadas dentro do nível destas questões de inundações. Então, todos os vãos laterais por onde passam as marginais têm um rebaixo, para poder fazer com que os caminhões muito altos possam passar sem bater nas pontes. Para preservar a altura da ponte tem uma depressãozinha no pólo; todos os pólos existentes em todas as pontes são extraordinários do ponto de vista construtivo, mas errados do ponto de vista de impacto. Então, a universidade tem de ver isso permanentemente para que não se repitam esses erros. Eu posso ser o melhor engenheiro do mundo e fazer a melhor ponte do mundo, mas se eu não souber o nível das cheias e dos transportes na parte de uma marginal, posso deixar erros sem solução. É isso que eu espero da interdisciplinariedade: a previsão dos impactos físicos, ecológicos e sociais nas obras de engenharia e nos projetos urbanísticos. Tem tantos defeitos essa cidade, nesse nível, que às vezes eu fico triste, porque as pessoas que fazem isso foram formadas na universidade, estão lutando na vida para sobreviver, mas elas poderiam ter

feito melhor os projetos se a universidade tivesse maior interdisciplinariedade e um pouco de conhecimento das tarefas de previsão dos impactos - todos os projetos precisam ter previsão de impactos.

O papel de discussão e de meditação precisa ser preservado

Outro defeito que a universidade não percebeu e deixou passar foi a construção do "Minhocão". Aquela obra, naquela parte da região central de São Paulo, para dar conexão de um cinturão viário que vem desde a zona leste com a avenida São João, que é outro eixo de acesso aos bairros da cidade, aquele "Minhocão" constitui uma aberração da inteligência construtiva e planejadora de São Paulo. Não tem outra possibilidade e, inclusive, eu prevejo que aquela obra venha um dia a ser implodida. É evidente que em vez de fazer aquela obra deveria ter sido feito mais rede de metrô. Então, eu penso que a universidade tem de estar em tudo. Não é porque certas pessoas fizeram a escola *x* ou *y* ou *z* que nós temos de aceitar o seu projeto sem primeiro definir as previsões dos acontecimentos, que certamente ocorrerão em função da implantação do projeto. Essa necessidade permanente do espírito crítico na universidade tem duas derivadas políticas sociais: em primeiro lugar, é que os governantes ficam mais ferozes, eles não querem que ninguém analise os seus projetos, as suas escolhas, as suas determinações. Em segundo lugar, nos momentos mais tristes da vida de um país, já houve duas ditaduras de triste lembrança, a consciência crítica da universidade é o campo de maior número de punições possíveis. Toda ditadura que se instala em qualquer país fará sempre uma guerra contra a presença de uma instituição capaz de fazer críticas e capaz de procurar a escolha de alternativas inteligentes. Então, esse papel de discussão, de meditação, na universidade, tem de ser preservado. Não são aquelas reuniões do Conselho Universitário que representam a universidade, não são apenas as reuniões das congregações que possibilitam a discussão de todos os problemas do país e da nação, em nível regional, setorial, nacional. Então, tem de haver mais contatos; a universidade sem contatos entre seus componentes é praticamente zero.



Evidentemente, a universidade não é composta de deuses. Ao contrário, são homens como quaisquer outros, porém, pessoas humanas que cultivam ciências, técnicas, pensam nos grandes problemas do homem, contribuem para a formação de educadores, etc. O corporativismo é uma das grandes falhas da universidade. Eu penso que no tempo em que tudo se concentrava na filosofia, ainda não tinham emergido as ciências tal como elas foram sendo feitas ao longo da Renascença, dos tempos modernos e contemporâneos; eu penso que naquele tempo não devia existir corporativismo, havia o ideário do conhecimento, o ideário de repensar o mundo, o universo, as coisas da Terra e do homem. Mas, na medida em que as ciências se diversificaram, cada uma delas foi conduzida por métodos e técnicas, e nem sempre noção de escala.

Existem casos em que as pessoas falam tão genericamente que a gente não sabe qual é a área, o volume, a composição social dos que vão receber aquelas idéias ou aquelas propostas. Todas as universidades têm núcleos diferenciados de pesquisadores, de ciências e de técnicas, que acabam se fixando de tal maneira na sua própria área do saber que adquirem aquilo que no passado nós chamávamos de "espírito do corpo", entendendo corpo como a coletividade mais próxima. Isso existe nas universidades brasileiras e de outros países, e mesmo no interior dos vários



Os políticos pensam que atingiram o cume da importância social e cultural, quando eles são pessoas egressas das mais diferentes áreas e até mesmo pessoas em grande parte formadas em algum setor universitário, salvo raras e brilhantes exceções, e tornam-se corporativos, não atendem mais ninguém. Por isso, os dirigentes políticos tendem a ser ditatoriais em qualquer situação considerada de ditadura ou democracia.

grupos das ciências humanas e das tecnologias encontramos compartimentações. Então, corporativismo significa visões compartimentadas, e não há coisa pior para a universidade do que compartimentar o conhecimento. Mas o corporativismo maior está nos partidos políticos, no governo, onde as pessoas pensam que chegaram a um nível acima de qualquer outra personalidade humana. Os políticos pensam que atingiram o cume da importância social e cultural, quando eles são pessoas egressas das mais diferentes áreas e até mesmo pessoas em grande parte formadas em algum setor universitário, salvo raras e brilhantes exceções, e tornam-se corporativos, não atendem mais ninguém. Por isso, os dirigentes políticos tendem a ser ditatoriais em qualquer situação considerada de ditadura ou democracia. Eu penso que existe, no momento, em nossa vida social e política brasileira, um sentido de democracia, mas em compensação entranhado malignamente nesse sentido de democracia — em que as pessoas podem dizer o que querem e ser processadas por aquilo que disseram e desagradou *x, y* ou *z* — existe alguma coisa de ordem altamente ditatorial. Daí por que as pessoas dizem que é uma ditadura civil e a gente fica pensando que é uma ditadura civil nesse nível, no nível do cinismo, no nível do império das idéias sem nenhuma consulta feita à população, no nível do clientelismo.

A situação brasileira foi conduzida a esse caos terrível do ponto de vista econômico, e que está se refletindo no social de modo direto e progressivo com desemprego, com violência e outras coisas mais; a situação brasileira é a de que os grupos corporativos comandaram todo o processo e impuseram todas as suas idéias independentemente de qualquer crítica. A crítica não é aceita. E daí surge uma ferocidade também por parte dos críticos, porque o crítico analisa uma situação, um projeto, um programa, mas na hora em que ele é mal recebido pelos governantes, pelos políticos, ele passa a ser um crítico feroz. Essa situação é deplorável. Eu acho que os momentos tristes da vida de um país devem ser os momentos mais aproveitados pela inteligência, pela criatividade. A literatura brasileira, a melhor que existe, foi baseada na tristeza da vida do homem do sertão nordestino. Foi do conhecimento da rusticidade do gênero de vida dos homens que moram nos grandes sertões é que surgiram as melhores obras da literatura brasileira. A ponto de Graciliano Ramos não ter um termo de comparação com a maior parte dos literatos do mundo. A gente tem de levar isso em conta, que o momento atual é muito difícil; é o momento para pensar em criar, em encontrar alternativas e, se possível, ser feroz para ver se as coisas mudam.

Hamilton Octávio de Souza é professor da PUC-SP.